



MR 004. A persistência da plantação: revisitando a racialização do trabalho e o saber insubmisso da antropologia (coorg C Bastos e M M Mello)

Coordenador(es):

Cristiana Lage David Bastos (ULisboa - ICS)

Participantes:

Marcelo Moura Mello (UFBA)

José Sergio Leite Lopes (Meseu Nacional - UFRJ)

Le Petitcorps Colette (ICS)

Cristiana Lage David Bastos (ULisboa - ICS)

Tal como nos lembra Sidney Mintz, o sabor doce do açúcar tem um reverso amargo e brutal. Ao açúcar, e demais mercadorias que proporcionaram a convergência do colonialismo e capitalismo – café, cacau, algodão, tabaco, entre outras - se deve o deslocamento forçado de milhões de africanos e africanas, o desapossamento de terras e o extermínio de populações indígenas, a devastação ecológica por monocultura de plantação. Ao sistema de plantação, também, se deve algo só aparentemente menos palpável, fora do âmbito de análise de historiadores econômicos, porém igualmente estruturante, devastador, fraturante: a produção de categorias raciais como as herdamos hoje, a hierarquização a que se cola uma naturalização endossada pelas pseudociências racialistas dos séculos XVIII-XIX, e a sua reinvenção sob novas formas e categorias. O saber insubmisso da antropologia, atenta às configurações materiais que produziram as racializações que perduram em desigualdades sociais racializadas, vai reunir nesta mesa redonda vários trabalhos sobre sociedades profundamente transformadas pelo açúcar: nordeste brasileiro, Guiana, Ilhas Maurícia e Havaí. Trabalhando com pesquisa etnográfica, histórica e conceptual, propomos analisar, cruzadamente, como o complexo plantação-usina produziu e continua produzindo classe, racializações e fraturas sociais que permeiam e perduram para além das autorrepresentações coletivas de sociedades cordiais, multiétnicas ou multiculturais.

O espectro da plantação e a atualidade da racialização na exploração e com a resistência de mulheres nas Maurícias

Autoria: Le Petitcorps Colette (ICS Lisboa)

Procuró identificar os mecanismos de reprodução das relações de exploração específicas que resultaram na apropriação extrema da individualidade corporal de mulheres trabalhadoras domésticas nas Ilhas Maurícias, que se originaram no sistema da plantação e que são às vezes contornadas pela reapropriação de si-mesma no “work por mim-mesma”, segundo a expressão da língua crioula. Apoio a minha análise sobre a compreensão que as próprias mulheres dão à sua própria dominação e do sentido que elas dão à escolha da saída parcial ou total do mercado do emprego. Esta exploração empírica resultará numa proposta de análise do processo de racialização atual, que enfoca a reprodução muitas vezes ocultada das relações de produção baseadas na apropriação/desapossamento de pessoas no presente, e sobre a centralidade da resistência dos sujeitos subalternos no desdobramento das técnicas de dominação.



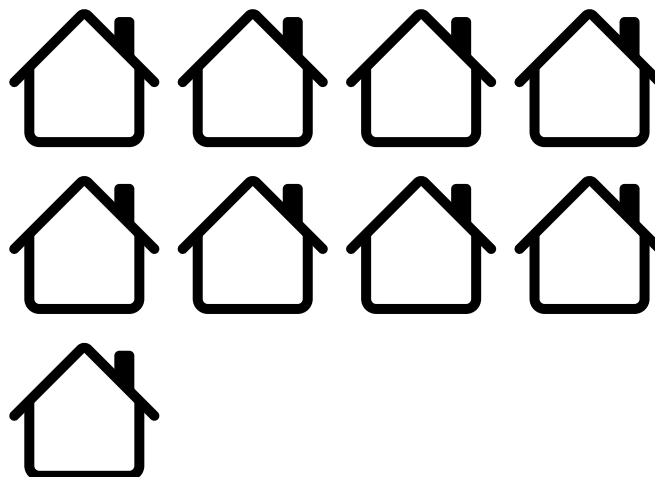
Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: